



## O sentido da Universidade e a formação para o mercado

Myrlei Rocha Almeida<sup>1</sup> – mirley.rocha@hotmail.com (PG)\*, Ged Guimarães<sup>1</sup> (PQ)

Av. Juscelino Kubitschek, 146 - Jundiaí, Anápolis - GO, 75110-390

**Resumo:** O presente trabalho discute o conceito de educação e sua origem enquanto princípio de formação do homem. E para que seja possível contemplar de maneira ampla e radical este estudo é necessário que o olhar se volte às raízes, à um povo responsável por influenciar boa parte da humanidade, os gregos. Por isso, a partir de uma perspectiva filosófica buscamos compreender dentro do contexto social deste povo o que era a educação e a ideia que tinham de formação, formar o homem grego, entendendo-se portanto como se dava esse processo e qual era sua finalidade. Este estudo tem como foco principal analisar o sentido da universidade em sua gênese. Também busca-se analisar o conceito de educação enquanto formação do homem e como ela tem sido desempenhada na atualidade onde nota-se uma finalidade quase única de formação para o mercado, se afastando com isso do sentido que lhe deu origem.

**Palavras-chave:** Formação. Universidade. Mercado.

### Introdução

Questionar a educação é buscar saber qual o sentido e a finalidade da existência coletiva e individual, e das produções culturais, por isso a importância de refletir sobre instituições e criações humanas visando compreender a razão de ser da educação e da escola, e o sentido de ser de cada uma, ressaltando a relação que ambas tem com a sociedade, com a cultura, com a ciência e com a formação humana. Para falar sobre *educação* como a origem e o princípio da escola (*skholé*), Fernandes (2013) afirma que ela “acontece onde e quando acontece o homem”, e entende como sendo sua finalidade “a autoconstituição do homem no vigor de seu ser, o perfazer-se e consumir-se do homem em sua humanidade.” (FERNANDES, 2013, p. 34).

Há educação desde que há o homem, e em meio ao Todo, irrompeu-se esse estranho acontecimento, que é o ser humano e, no seio da Terra, sob o Céu, instalou-se um mundo. A Terra é mais antiga do que o mundo. O mundo surge como mundo por meio do criar, do pensar, do sacrificar, do fundar



comunidade, ou seja, por meio de todo construir e erigir, cultivar e cultuar, morar e instituir humano. Por conseguinte, há educação desde que há hominização e humanização e desde que, junto com o homem, aparece um mundo abrigado na Terra. (FERNANDES, 2013, p. 34)

Portanto o mundo se constituiu como tal, por meio da criação, do pensamento e da constituição do humano, dentre outros. E só foi possível o seu desenvolvimento por meio da educação. Jaeger (1986) em sua importante obra que descreve o processo histórico e filosófico que culminou na maior referência da educação dos gregos, a *paidéia*, já nas primeiras páginas começa dizendo que o nível de desenvolvimento de um povo está naturalmente inclinado à prática da educação, visto que é a partir dela que a humanidade conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual. É somente por meio da educação que o homem propaga a sua forma de existência.

Uma educação consciente pode até mudar a natureza física do Homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior. Mas o espírito humano conduz humano conduz progressivamente à descoberta de si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores de existência humana. A natureza do Homem, na sua dupla estrutura corpórea e espiritual, cria condições especiais para a manutenção e transmissão da sua forma particular e exige organizações físicas e espirituais, ao conjunto das quais damos o nome de educação. Na educação, como o Homem a pratica, atua a mesma força vital, criadora e plástica, que espontaneamente impele todas as espécies vivas à conservação e propagação do seu tipo. (JAEGER, 1986, p. 3)

Marrou (1990) descreve educação como um conceito o qual está expresso como maneira coletiva por meio da qual uma sociedade lança os jovens nos valores e procedimentos característicos de sua civilização. Marrou ressalta ainda que a educação é um feito que decorre da civilização e está submissa a ela, para isso “é necessário de início, que uma civilização atinja sua própria Forma, para poder engendrar depois a educação que a refletirá.” (MARROU, 1990, p. 6). Retomo novamente Jaeger (1986), que diz também que a educação não pode se encontrar retida em um único ser, pois não é uma propriedade individual, antes, trata-se de um bem coletivo, pertencente essencialmente à comunidade. E destaca um fato importante alegando que não há outra influência maior da comunidade sobre os seus membros, que compreende maior força que no esforço constante de educar.

Toda educação é assim o resultado da consciência viva de uma norma que rege uma comunidade humana, quer se trate da família, de uma classe ou de



uma profissão, quer se trate de um agregado mais vasto, como um grupo étnico ou um Estado. (JAEGER, 1986, p. 3)

A educação assume então uma nova função, a de ser ética. Fernandes (2013) a aponta como sendo uma tarefa essencialmente ética, e não poderia ser diferente visto que ela faz parte da vida e do crescimento da sociedade, o desenvolvimento social está ligado à consciência dos valores que regem a vida humana. Por isso a educação assume a ideia de formação de um Homem grandioso, digno, a busca constante pela excelência. O que estiver contrário à isso Aristóteles (2016), considera como aviltantes e até humilhantes, todas as tarefas, artes e disciplinas que não preparam o corpo, a alma, e a mente do homem livre, para o exercício e a prática da virtude. Retomo outra vez Jaeger (1986) o qual diz que: “Da dissolução e destruição das normas advém a debilidade, a falta de segurança e até a impossibilidade absoluta de qualquer ação educativa.” (p. 4). Por isso a fundamental importância dada à educação na sociedade grega, pois essa rigorosa atenção à formação do homem grego é que lhes afastam da debilidade e os fortalecem enquanto sociedade; é então que “esse povo atinge a consciência de si próprio, descobre, pelo caminho do espírito, as leis e normas objetivas cujo conhecimento dá ao pensamento e à ação uma segurança antes desconhecida.” (JAEGER, 1986, p. 8).

No que se refere ao problema da educação, a consciência clara dos princípios naturais da vida humana e das leis imanentes que regem as suas forças corporais e espirituais tinha que adquirir a mais alta importância. Colocar estes conhecimentos como força formativa a serviço da educação e formar por meio deles verdadeiros homens, como o oleiro modela a sua argila e o escultor as suas pedras, é uma ideia ousada e criadora que só podia amadurecer no espírito daquele povo artista e pensador. A mais alta obra de arte que o seu anelo se propôs foi a criação do Homem vivo. Os Gregos viram pela primeira vez que a educação tem de ser também um processo de construção consciente. (JAEGER, 1986, p. 9).

Ainda segundo Jaeger a educação é a virtude humana mais difícil de adquirir, somente a esse tipo de educação se aplica um termo específico, formação a qual evidencia-se na forma integral do homem, “a formação não é outra coisa senão a forma aristocrática, cada vez mais espiritualizada, de uma nação.” (JAEGER, 1986, p. 18). O homem não se descobre em sua individualidade, mas reconhece a descoberta de uma consciência gradual das leis gerais que determinam a essência



humana. A razão nobre que inspira os gregos não é o individualismo, mas o humanismo, o que significa uma educação do homem conforme a genuína forma humana, em sua originalidade e autenticidade. O sentido da educação está então na condução dos indivíduos por meio da norma da comunidade, ela se torna uma função natural e universal dessa comunidade humana. Surge então o conceito de *arete* (excelência, virtude), que concentra em si da maneira mais pura o ideal de educação dessa época.

Como já fora dito, a educação é o princípio fundamental da escola, sendo esta apenas uma de suas manifestações. Por muito tempo não havia escola, ocorriam os processos educativos, cuidavam da educação como um bem muito precioso. Mas a ideia de escola enquanto espaço pensado para viabilizar esse ensino, surge bem depois quando a educação decide promover um acultramento de tudo o que é humano. Foi quando surgiu a necessidade de divulgar e transmitir pela face da terra a obra da educação, que se pôde e precisou haver escola afim de que houvesse uma expansão da cultura humana.

A sociedade, a educação, a escola e os indivíduos parecem órfãos de ideias, valores, representações, costumes e hábitos que definem e justificam a existência coletiva, e de determinados tipos de indivíduos que se reconhecem e são reconhecidos por *participarem* de tradições culturais que são, ao mesmo tempo, conservadas, recriadas e transformadas. A perda desse conjunto e a escassez de projetos coletivos tem comprometido a dimensão criadora da cultura, da educação, da escola e dos indivíduos. (COELHO, 2013, p. 16).

Assim como a educação é a origem e o princípio da escola, esta por sua vez contém o germe fundante da universidade, e nela ele se amplia. Ou seja, uma está ligada intrinsecamente à outra; não são módulos, níveis desconexos entre si, apesar de teriam assumido tais formas, mas se relacionam mutuamente. Escola e Universidade devem ser reconhecidas e confirmadas conforme Coelho (2013), como *instituição*, caso contrário negam sua natureza, deslizando para o operacional tornando-se então *organizações*, estas por sua vez se voltam prioritariamente para os aspectos estruturais, funcionais, de gestão e os aspectos burocráticos das mesmas, tendo maior interesse pelo como deve acontecer o ensino e a aprendizagem, e principalmente pelos resultados obtidos, abrindo mão então dos princípios fundamentais que lhes conferem, a dúvida, o questionamento e o



pensamento. A universidade como instituição deveria permanecer como exclusiva do saber, da interrogação, da reflexão, do confronto de ideias, valores, do questionamento, da criação. Ainda segundo Coêlho (2013):

A escola em geral, em especial o ensino superior e a universidade, cada vez mais tem sido vista em termos de instrumentalidade, funcionalidade, produtividade, eficiência e formação profissional. Como organização de ensino e preparação para o trabalho, não tem sentido e valor nela e por ela mesma, a não ser como investimento para o futuro, dependendo do que poderá acontecer depois da vida dos alunos e ex-alunos, de seu sucesso na continuidade dos estudos e no trabalho. (COÊLHO, 2013, p. 62)

É certo que as universidades exercem papel fundamental no processo de formação acadêmica de seus educandos, tal formação deveria se preocupar prioritariamente em formar o humano por excelente e virtuoso que se preocupa com o bem estar de seus semelhantes, bem como as questões sociais, entender e transformar o real, fazer a história, promover a liberdade do homem, contemplar o que é verdadeiro, belo e justo. Contrário a este ideal de universidade, Guimarães (2014) reflete sobre o atual formato de educação observados em todos os níveis de ensino.

Como partes do sistema de educação, as escolas, as faculdades, as universidades constituem-se para formar os profissionais solicitados pela sociedade, absorvendo quase literalmente o sentido do termo servir. Talvez esteja justamente aqui a nítida separação entre o que é obvio, construído a partir do que se define como utilidade, praticidade, rapidez, eficácia, para atender às necessidades individuais. (GUIMARÃES, 2014, p. 551-2).

Ou seja, ela tem sido encarada mais como um meio para se atingir fins particulares; se tornou uma mercadoria na mão dos empresários que estabelecem o perfil de funcionários que se encaixa em seus padrões, fugindo completamente de seu sentido original do que a faz ser universidade, o que a constitui. Nota-se portanto, um aparentemente despretenso descuido com o real sentido dessa instituição, deixando de lado as prioridades essenciais para o pleno desenvolvimento de sua finalidade; a universidade como instituição deveria permanecer como exclusiva do saber, da interrogação, da reflexão, do confronto de ideias, valores, do questionamento, da criação, da dúvida.

Com a crise da soberania vimos surgir uma nova civilização grega que passa por um processo de transição nos setores econômico, religioso, político, militar e administrativo. No sistema palaciano, todos estavam centralizados no rei que tinha a

função de controlar rigorosamente todos eles. No entanto, com a queda do poder micênico vemos desaparecer a figura do rei, e junto com ele o termo que era usado para representa-lo, *ánax* que também desaparece do vocabulário propriamente político. O emprego do termo *ánax* é substituído pela palavra *basileus*, que tecnicamente designa a mesma função real, é alguém que semelhante ao rei concentra em si todas as formas de poder, pertence a categoria dos grandes que se colocam na ponta da hierarquia social. Os *basileus* assim como o *ánax* vão desaparecendo aos poucos, pois com a destruição do antigo sistema não conseguem mais sustentar o mesmo valor.

Mas precisamente o desaparecimento do *ánax* parece ter deixado subsistir lado a lado as duas forças sociais com as quais seu poder devia ter-se harmonizado: de um lado as comunidades aldeãs, de outro uma aristocracia guerreira cujas famílias mais eminentes detêm igualmente, como privilégio de genos, certos monopólios religiosos. Entre essas forças opostas, liberadas pelo desmoronamento do sistema palaciano, que se vão chocar às vezes com violência, a busca de um equilíbrio, de um acordo, fará nascer, num período de desordem, uma reflexão moral e especulações políticas que vão definir uma primeira forma de “sabedoria” humana. (VERNANT, 1994, p. 27)

É então que surge a sabedoria (*sophia*), no contexto desse novo momento da civilização grega. Ela aparece no começo do século VII, e está ligada à um grupo seleto de personagens sempre celebrados pela Grécia como sendo seus primeiros, seus verdadeiros Sábios. Provinda dos Sábios, essa sabedoria não tem o propósito de discutir o mundo natural oriundo da natureza (*physis*), mas se debruça sobre o mundo dos homens, buscando entender então “que elementos o compõem, que forças o dividem contra si mesmo, como harmonizá-las, unifica-las, para que de seus conflitos surja a ordem humana da cidade.” (VERNANT, 1994, p. 27). Ou seja, surge uma necessidade de se criar e estabelecer um novo sistema, uma estrutura humana da cidade a qual substitui definitivamente o antigo sistema palaciano.

Em meio a essa nova reestruturação da cidade com a adoção de uma ordem, surgem então alguns problemas dentro desse novo contexto. Pois, se antes o *ánax* detinha todo o poder, controlava e ordenava todas as partes do reino (administrativa, religiosa, política, econômica e militar), como agora a ordem pode surgir do conflito de grupos divergentes? É então que manifesta-se o equilíbrio da essência de duas



divindades completamente opostas, a *Eris-Philia* (*Eris* – conflito, discórdia. *Philia* – amizade, aquilo que une).

Poder de conflito – poder de união, *Eris-Philia*: essas duas entidades divinas, opostas e complementares, marcam como que os dois polos da vida social no mundo aristocrático que sucede às antigas realidades. A exaltação dos valores de luta, de concorrência, de rivalidade associa-se ao sentimento de dependência para com uma só e mesma comunidade, para com uma exigência de unidade e de unificação sociais. O espírito de agón que anima os gene nobiliários se manifesta em todos os domínios. (VERNANT, 1994, p. 31).

É nesse espírito que surge então um acontecimento que foi decisivo na história do pensamento grego, o aparecimento da *pólis*, o qual pode se situar entre os séculos VIII e VII. A sua chegada é considerada uma verdadeira invenção e marca um início; por meio dela, a vida social e as relações entre os homens seguem em uma nova forma na qual se destaca sua originalidade. E até que ela se estabeleça como uma instituição, um novo sistema, a *pólis* passará por etapas múltiplas e conhecerá formas variadas. Uma das principais referências que marcam a constituição da *pólis*, é a eminência da palavra como instrumento de poder que transcende a todos os outros. Essa incumbência também é assegurada na política, em que a palavra se torna seu instrumento por excelência, a solução para toda manifestação de autoridade no Estado, e o meio de comando e de domínio sobre os outros.

Esse poder da palavra – de que os gregos farão uma divindade: *Peithó*, a força de persuasão – lembra a eficácia das palavras e das fórmulas em certos rituais religiosos, ou o valor atribuído aos “ditos” do rei quando pronuncia soberanamente a *themis*; entretanto trata-se na realidade de coisa bem diferente. A palavra não é mais o termo ritual, a fórmula justa, mas o debate contraditório, a discussão, a argumentação. (VERNANT, 1994, p. 34).

É se apoiando nesse novo sentido que a palavra assume, que a *pólis* irá se estabelecer como a morada do homem grego, e é em função do fortalecimento dessa morada e pelo bem de todos que nela habitam que o homem se reconhece então como um ser político, a alteração do antigo sistema para este começa a partir daí. Antes, todas as questões de interesse geral que cabia ao rei deliberar sobre elas, antes determinadas por ele por uma voz de comando, a *arché*. Agora no entanto, esse ato é substituído e todas as decisões de interesse público eram submetidas à arte oratória<sup>2</sup>; as questões são colocadas sob a forma de um discurso



e devem ser resolvidas na conclusão de um debate, com isso a palavra ganha então mais força e relevância visando o fortalecimento e desenvolvimento da pólis. Uma outra característica desse novo sistema da pólis é o seu caráter de publicidade absoluta às expressões mais importantes da vida social.

Pode-se mesmo dizer que a pólis existe apenas na medida em que se distinguem um domínio público, nos dois sentidos diferentes mas solidários do termo: um setor de interesse comum, opondo-se aos assuntos privados; práticas abertas, estabelecidas em pleno dia, opondo-se a processos secretos. Essa exigência de publicidade leva a apreender progressivamente em proveito do grupo e a colocar sob o olhar de todos o conjunto das condutas, dos processos, dos conhecimentos [...]. (VERNANT, 1994, p. 35).

Esse caráter de publicidade assumido pela pólis só se sustenta por intermédio do uso da palavra, que se torna um instrumento de poder e ganha destaque nos debates que acontecem em praça pública (*ágora*), os quais definem os novos rumos da cidade. Nesses debates o povo decide de mãos erguidas qual o melhor discurso que se volta para a criação de uma cultura comum da qual fazem parte os conhecimentos, os valores, os processos mentais, os quais ficam sujeitos à crítica e à controvérsia. A partir daí a argumentação, a polêmica, a discussão tornam-se as regras do combate intelectual, e também do combate político. Dentro desse contexto surge então a necessidade de formar o homem para essa nova vida política em defesa da pólis, e com isso a educação assume uma nova forma em busca do objetivo de preparar o homem para isso.

## Resultados e Discussão

O presente trabalho não visa alcançar resultados. As discussões ainda estão sendo feitas comitadamente com as análises da bibliografia.

## Referências

ARISTÓTELES. *Política*. Ed. bilíngue grego-português. Tradução e notas Antônio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 2016.



COÊLHO, I. M. *Formar professores para outra escola*. In: COÊLHO, I. M. (org). **Escritos sobre o sentido da escola**. São Paulo: Mercado de letras, 2013.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre o sentido da escola: uma introdução*. In: COÊLHO, I. M. (org.). *Escritos sobre o sentido da escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

\_\_\_\_\_; GUIMARÃES, G. *Educação, escola e formação*. *Inter-Ação*. Goiânia, v. 37, n. 2, p. 323-339, jul./dez. 2012.

\_\_\_\_\_. *Escola e formação de professores*. In: COÊLHO, I. M. (org.). **Educação, cultura e formação: o olhar da filosofia**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2009

FERNANDES, M. A. *Skholé: o sentido fundante da escola*. In: COÊLHO, I. M. (org). **Escritos sobre o sentido da escola**. São Paulo: Mercado de letras, 2013.

GUIMARÃES, G. *O sentido da formação e da gestão na universidade pública*. *Linhas Críticas*, vol. 20, núm. 43, septiembre-diciembre, 2014, pp. 549-562 Universidade de Brasília Brasília, Brasil.

JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MARROU, H. *História da educação na Antiguidade*. Tradução de Mário Leônidas Casanova. São Paulo: EPU, 1990.

VERNANT, J-P. *As origens do pensamento grego*. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.